



Universidade de Brasília
Decanato de Ensino de Graduação
Coordenação Operacional de Ensino de Graduação à Distância
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

**"INTERPRETANDO O SILÊNCIO: A RECEPÇÃO DE UMA PEÇA TEATRAL
POR UMA PLATÉIA SURDA"**

ISABEL PAIXÃO DE SOUZA ALBUQUERQUE

RIO BRANCO

2011

ISABEL PAIXÃO DE SOUZA ALBUQUERQUE

**"INTERPRETANDO O SILÊNCIO: A RECEPÇÃO DE UMA PEÇA TEATRAL
POR UMA PLATÉIA SURDA"**

Trabalho de conclusão do Curso de
Licenciatura em Teatro do Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília - UNB.

Orientador: Prof^ª. Mestre Ana Cristina F. Galvão

RIO BRANCO

2011

ISABEL PAIXÃO DE SOUZA ALBUQUERQUE

"INTERPRETANDO O SILÊNCIO: A RECEPÇÃO DE UMA PEÇA TEATRAL POR
UMA PLATÉIA SURDA"

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes Cênicas como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a _____ sob a orientação da professora Mestre Ana Cristina Filgueira Galvão.

Rio Branco, 20 de Novembro de 2011.

Professor_____

Professor_____

Professor_____

Sumário

Agradecimentos

Epígrafe

Apresentação

Introdução.....09

Capítulo I – A Experiência

1. O início/A motivação.....10
2. A Proposta..... 11
3. O Grupo observado.....11
 - 3.1. O primeiro encontro.....12

Foto 1 – Eu e o Grupo no primeiro contato.....11
 - 3.2. A noção de teatro do Grupo.....13
4. A peça Assistida – a proposta aceita.....15
 - Foto 2 – Folder do Espetáculo.....14
 - Foto 3 – Bell paixão e Dinho Gonçalves.....15
 - Foto 4 – Marília Bomfim (Diretora).....16
 - Foto 5 – Sandra Buh.....16
 - Foto 6 – Cenário.....17
 - Foto 7 – O Grupo.....
5. A apresentação – O dia ‘D’.....19
6. Lendo o silêncio.....19
 - Foto 8 – Agradecimento do GPT ao público
 - Foto 9 – Surdos aplaudindo ao final
 - 6.1 Respondendo o questionário- concretizando o silêncio.....21

Foto 10 – O grupo de surdos respondendo ao questionário.....
7. Questionários e vídeo - dando significado ao silêncio.....24
 - 7.1 – Questionários
 - 7.2 . O vídeo – assistindo a leitura do silêncio.....25

Capítulo II – Análise da Experiência Viva

1. Em busca de um significado.....	27
2. Componentes da Comunicação.....	27
3. Acréscimos durante a busca.....	29
4. Entende-se como Gesto.....	31
5. O significado e a importância do Gesto para o teatro.....	34
6. Análise da Experiência à luz das ideias de Flávio Desgranges.....	37

Considerações finais

Referências Bibliográficas

Anexos:

<i>Anexo 1: Dados análise dos questionários.....</i>	
<i>Anexo 2: Entrevista.....</i>	
<i>Anexo 3: Questionários.....</i>	
<i>Anexo 4: DVD com fotos e filmagem da platéia surda.....</i>	

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho realizado como uma conquista e aprendizado.

À minha família, que em todos os momentos esteve me apoiando.

À minha mãe Aparecida de quem tive um apoio excepcional e fundamental para a conclusão deste.

Ao meu pai Eli Paulo que me apoiou inúmeras vezes com tarefas destinadas a mim e deu-me forças para não desistir.

Ao meu marido Daniel (Dênis) e ao meu filho Christopher Gabriel que estiveram ao meu lado e foram compreensíveis nos inúmeros momentos ausentes.

EPÍGRAFE

“Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?”

Comentário de Sócrates em Crátilo – Obra de Platão

APRESENTAÇÃO

A experiência que escolhi desenvolver como base para minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso foi observar um grupo de pessoas com deficiência auditiva assistindo a uma peça teatral apresentada, sem o uso de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais - visando obter impressões sobre a recepção da linguagem cênica após a apresentação. Este projeto teve como alvo um grupo de funcionários do CAS/AC - Centro de apoio ao Surdo do Estado do Acre - Instituição ligada à Secretaria de Educação, que tem por objetivo formar professores instrutores de Libras (surdos) e professores intérpretes de Libras (ouvintes, como são chamadas as pessoas que possuem audição perfeita), além de oferecer Curso de LIBRAS e de intérprete para a comunidade em geral, o que favorece a integração das pessoas com deficiência auditiva à Comunidade.

INTRODUÇÃO

Como entender o gesto, o movimento, o corpo do ator como comunicação? Como posso obter o entendimento de uma pessoa que não se comunica usando a fala? Como fazer com que o *gesto* seja entendido de maneira clara e independente da fala? É possível o gesto ser considerado uma ferramenta de comunicação eficaz? Seria necessário usar algum outro recurso para que a pessoa surda compreendesse um espetáculo teatral além dos gestos?

Essas foram algumas das diversas questões que me moveram durante este percurso. Tentando respondê-las organizei o trabalho basicamente em dois momentos: a experiência em si e a vontade de compreendê-la.

Sendo assim, no capítulo I desta pesquisa abordo um pouco a experiência de proporcionar a um grupo de pessoas com deficiência auditiva a oportunidade de assistir ao espetáculo teatral “Quem é o Rei?”, uma peça do Grupo do Palhaço Tenorino – GPT, do qual faço parte. Em especial neste espetáculo proposto, atuo no papel de Conselheira, um dos quatro personagens da peça. Nesta primeira parte, faço uma pequena exposição passo a passo sobre o grupo observado, sobre o espetáculo e sobre o resultado da experiência após análises.

No capítulo II, procuro fundamentar a experiência proposta por mim. Relato a busca pelo significado do Gesto, sua finalidade e eficácia não só no teatro como na linguagem dos surdos. Caminho um pouco em outras áreas para uma compreensão maior sobre esta ferramenta tida como auxílio e complemento para uma comunicação eficaz. Falo um pouco sobre os acréscimos que tive como atriz e ser humano nessa busca de conhecimento e compreensão sobre o fenômeno teatral durante meus estudos. Concluo este capítulo com uma análise baseada nas idéias de Flávio Desgranges, que me levam a compreender o porquê das diferentes recepções das platéias de teatro.

Em minhas considerações finais, exponho o resultado encontrado com toda a experiência vivida e estudada. Este me leva a um ciclo inacabado e à vontade de prosseguir para ter algo mais concreto e frutífero.

A grande verdade é que não há um fim e pretendo que não tenha mesmo. Que seja um processo contínuo.

1. O Início – *Busca de Concretização do Objetivo*

Minha pesquisa teve início com uma visita informal ao CAS para ver a possibilidade de realizar tal estudo.

Conversei com a Coordenadora geral da instituição*, uma profissional que trabalha na educação de surdos há 25 anos. Expus-lhe o motivo de minha visita: realizar uma pesquisa para o meu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, em que eu observaria qual a impressão de alguém surdo ao ter contato com um espetáculo de Teatro.

Em busca de compreensão sobre como fazer um teatro inclusivo dentro da Cultura surda, como seria a recepção do ‘teatro’ para pessoas com deficiência auditiva?

A coordenadora prontamente aceitou a minha proposta e sugeriu que eu a realizasse na instituição e com os funcionários da mesma. Ela afirmou que: “Há uma enorme necessidade de pessoas que se importem e que os tratem como seres humanos normais, pois a única diferença que possuem de nós, é o fato de não poderem ouvir.” (Entrevista realizada em 08 / 06 / 2011)

Assim ela compartilhou comigo a sua satisfação pela minha iniciativa de inserir o surdo na comunidade.

*Helena Speroto - Pós - graduanda em Gramática e no Ensino da Língua Portuguesa- UNINORTE; Acadêmica do curso de Pedagogia – UNB, Pós - Graduação LATO SENSU – em EDUCAÇÃO ESPECIAL – IESACRE – 2007; graduada em Administração de EMPRESA - FIRB- 2005; é Coordenadora do Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento as pessoas com surdez – CAS, tendo experiência na educação de surdos em todas as modalidades de ensino; organizou e ministrou cursos de metodologia do ensino da língua portuguesa para surdos como segunda língua – PSLS; é capacitadora dos cursos de libras oferecidos pelo CAS.

2. A proposta

As pessoas com deficiência auditiva sentem-se muitas vezes excluídas da sociedade por não possuírem a mesma linguagem de comunicação da maioria.

Comecei então minha pesquisa consultando Speroto sobre alguma bibliografia específica sobre LIBRAS e sobre a Comunidade Surda. Tive acesso à Biblioteca do Centro de Apoio ao Surdo e também ao livro base usado nos Cursos de Formação de alunos e de professores. Saí de lá com a promessa da Coordenadora de me enviar por e-mail um resumo sobre a história da comunidade surda do Acre, para que eu conhecesse melhor os trabalhos desenvolvidos por eles.

Após a minha primeira visita, marquei um próximo encontro a fim de conhecer o grupo de pessoas com o qual trabalharia. Vasculhei qual seria o dia ideal para que ocorressem as apresentações e descobri que seria o dia em que os membros do grupo se reúnem para fazer os planejamentos e avaliações de cada semana de curso ministrado.

3. O grupo observado

O grupo era composto por dez (10) **Instrutores de LIBRAS** (profissional, preferencialmente surdo, com graduação em Letras - LIBRAS ou Letras LIBRAS/Língua Portuguesa- ou com formação em nível médio e/ou superior com certificado de proficiência lingüística em LIBRAS, emitido pelo MEC – Prolibras). São eles que ministram aulas no curso de capacitação, que é composto de três módulos e um quarto módulo, denominado Módulo de Intérprete e três (3) **Professores Intérpretes de Libras** profissional ouvinte que são os responsáveis por auxiliar os Instrutores surdos na comunicação com os alunos ouvintes. A idade média das pessoas deste grupo está entre 20 e 49 anos. Os professores Instrutores de Libras surdos (de nascença – surdez profunda, absoluta) são formados no Curso de Metodologia do Ensino de LIBRAS, pela Secretaria de Educação/CAS – AC. Deste grupo, três estão ainda cursando o Ensino superior; dois fazem Pedagogia; um faz Letras Vernáculo e os outros três já concluíram o ensino superior e possuem Pós-graduação em LIBRAS. Quanto aos professores Intérpretes ouvintes: dois possuem Pós-graduação em Ensino Especial e um é formado em Letras e Pedagogia.

3.1. O primeiro encontro

O primeiro contato com o Grupo aconteceu quatro dias depois da minha ida à Instituição. A recepção por parte do grupo foi melhor do que eu esperava. Não tive grandes dificuldades. O que facilitou minha aproximação foi o fato de eu ter participado de Cursos formadores na Instituição. Fiz os Módulos I, II, III e curso atualmente o de Intérprete de Libras. Encontrei professores de Módulos anteriores e estes me deixaram bem à vontade.

A coordenadora me apresentou a todos e passou-me a palavra. Agradei a oportunidade e apresentei-me falando meu nome em LIBRAS e mostrando meu sinal (gesto escolhido pelos próprios surdos para identificar a pessoa dentro da Comunidade Surda), que recebi no I Módulo. Em seguida, pedi auxílio a uma professora intérprete, que prontamente me auxiliou na explicação e traduziu de maneira que compreendessem facilmente o motivo de minha presença na sala de reunião e também sobre o que estava propondo ao grupo.

Ao final da explicação e exposição do Projeto, pedi permissão para usar a imagem e o nome daqueles que quisessem participar, caso fosse necessário. Todos concordaram e aceitaram prontamente. Alguns fizeram até piadinhas, dizendo que ficariam famosos. Maravilha! Estava marcado. Mais uma etapa cumprida.



Eu e o grupo no primeiro contato

Combinamos o dia para assistir ao espetáculo de teatro. Marcamos para um sábado em que todos pudessem estar presentes e ficou certo de que um dia antes da apresentação eu entregaria o ingresso a cada participante.

Pela recepção e pela abertura do grupo, a impressão e expectativas em relação ao desenvolvimento da minha pesquisa eram as melhores. Todos demonstraram interesse em participar.

3.2. *A noção de teatro do grupo*

Enquanto esperávamos a data, participei (observando) de três reuniões de planejamento.

Nestes encontros os professores ouvintes expunham os conteúdos das aulas seguintes que seriam ministradas a cada semana e os professores surdos, por sua vez, repassavam aos professores ouvintes o conteúdo em LIBRAS, revendo os sinais, o contexto e procurando compreender a proposta do ouvinte para que pudesse compreender o universo do entendimento do Surdo. Estas reuniões me fizeram ter uma compreensão um pouco mais ampla de como é a percepção do Surdo.

Algo me chamou bastante a atenção nestes encontros: foi o fato de ocorrer uma explicação maior, com o maior número de gestos possíveis, para uma compreensão melhor do surdo. Observei que não basta apenas um gesto para definir a informação, mas que são necessários vários para se construir um ‘cenário imaginário’ a fim de que eles possam quase visualizar o que estamos expondo.

Procurei informações sobre trabalhos culturais de música, dança, teatro, etc, realizados com este Grupo ou com turmas anteriores que estudaram ou ministraram cursos em outras épocas. Durante esta procura, recebi informações sobre uma professora que se formou em Ensino Especial e que estagiou no CAS durante sua formação, realizando um trabalho musical envolvendo interpretação e uso de mímica. Este trabalho foi o que mais se aproximou do que eu estava procurando.

Durante a minha busca constatei que a Comunidade Surda, de maneira geral, não está inserida no que podemos chamar de ‘Mundo das Artes’. Alguns dos funcionários tinham participado apenas de uma montagem de histórias infantis para ensinar LIBRAS às crianças, o que envolveu alguma representação. Para o Grupo, isto era teatro, e essa era a experiência

que possuíam. Mas não tinham a experiência de ir ao Teatro e assistir a um espetáculo. Do Grupo estudado, apenas dois professores intérpretes – ouvintes haviam estado em um Teatro (espaço físico), ou seja, essa era a noção de teatro que possuíam: quase nenhuma.

Consegui localizar a professora, que não trabalha mais no CAS e que hoje, por feliz coincidência, faz parte da diretoria da Federação de Teatro do Acre – FETAC e possui um Grupo de teatro chamado Cia Visse e Versa de Ação Cênica. Marquei um encontro para realizar uma entrevista e pedi que ela me relatasse como tinha sido a experiência com estes alunos. A professora Cláudia Toledo Lima prontificou-se a me ajudar, pedindo apenas que eu elaborasse um questionário para que ela soubesse o que realmente eu estava querendo e para auxiliá-la durante o relato. Concordei e elaborei então o questionário com algumas perguntas que me indicassem como havia sido sua experiência com estes alunos.

Com as informações obtidas no relato da professora Cláudia, formada em Inglês e Artes e especializada na área de Educação Especial pelo Instituto de Ensino Superior do Acre- IESACRE – obtive a informação de que alguns alunos e instrutores do CAS participaram de uma Oficina de Teatro e Dança. Como resultado final os alunos fizeram uma apresentação em um teatro da cidade em comemoração ao Dia do Surdo (último domingo do mês de setembro).

A oficina teve duração de seis meses e era composta por jogos teatrais, improvisação, técnicas de mímica e exercícios de dança. Para realizá-la, a professora contou com a ajuda de uma Intérprete de Libras, para momentos de maior dificuldade, não sendo necessário o uso de Libras em todos os momentos, inclusive na apresentação, pois o uso de alguns símbolos e gestos é entendido por todos.

Após a entrevista com a professora Cláudia, em uma conversa informal, esta relatou que o interesse que os Surdos possuem na Cultura Ouvinte é muito grande, o que fez com que após o tempo de trabalho realizado por ela, alguns alunos buscassem informações sobre como continuar o trabalho ou sobre a possibilidade de estarem se inserindo na área teatral. Infelizmente, o alimento para tal fome foi negado, pois não há na cidade um grupo específico que trabalhe com pessoas surdas.

4. A peça de teatro assistida – *A Proposta aceita*

A peça escolhida para realizar a experiência foi uma comédia escrita por Marília Bonfim com direção de Dinho Gonçalves, chamada “Quem é o rei?”. Esta peça é do Grupo do Palhaço Tenorino, um significativo grupo de teatro que atua no Estado do Acre desde a década de 90. Formado por jovens e experientes artistas, esse grupo traz consigo o engajamento do povo acreano em sua filosofia de vida, em suas montagens e no desejo de popularizar o teatro no Estado do Acre.

O Grupo do Palhaço Tenorino, mais conhecido como GPT, é um grupo de teatro que atua na cidade de Rio Branco, capital do Acre, desde março de 1991. Ao longo de seu percurso de 19 anos de resistência, esse grupo já encenou onze peças de teatro de autores consagrados como Plínio Marcos, Ariano Suassuna, Maria Clara Machado e outros.

A encenação escolhida para o projeto aborda o tema político-social e discute com muito humor a responsabilidade social de cada cidadão. É a história de um rei vaidoso que pretende construir um arco na rua principal da sua cidade para ser lembrado por cem anos seguidos, como também, das astúcias de sua conselheira.

Inusitada e divertida, a peça tem a participação das atrizes Bell Paixão (EU), Sandra Buh, Dinho Gonçalves e Marília Bonfim. Seu objetivo é promover uma discussão sobre a política e os poderes que atuam sobre os trabalhadores e seus principais ‘personagens’, mantendo acima de tudo a descontração e a alegria do povo brasileiro.



A peça foi realizada no Teatro de Arena do SESC com capacidade para 130 pessoas.

O figurino da peça é misto. Misturam-se roupas de época com roupas modernas, cotidianas. O rei usa um figurino inspirado em Napoleão Bonaparte: camisa de punho e botões, um colete e botas por cima da calça. A Conselheira usa uma roupa de época baseada em uma chocolateira dos anos 20: saia longa com volume, uma blusa com mangas e babados, uma touca e avental preso ao pescoço e amarrado na cintura. A maquiagem destes dois personagens é *pancake* branco no rosto inteiro com as expressões ressaltadas (olhos, boca e sobrancelhas), o que nos remete à Comédia Dell'Arte com suas pinturas caricatas.



Bell Paixão e Dinho Gonçalves

A Diretora usa calça ou saia de cor neutra e camiseta com emblema do Grupo (GPT). Como maquiagem, usa apenas um pó e um brilho nos lábios. Maquiagem cotidiana.



Marília Bomfim (Diretora)

A Vendedora usa uma saia desfiada, blusa gasta, com cores claras (branco e rosa), um lenço amarrado à cabeça e um guardanapo de pano que carrega no ombro, junto com sua cesta de melões. Como maquiagem, um pouco de lápis preto nas sobrancelhas para engrossá-las e um pouco de pankake escuro para dar uma leve envelhecida.



Sandra Buh – vendedora

A sonoplastia do espetáculo foi montada pelo diretor Dinho Gonçalves e é uma mistura de músicas clássicas, barrocas e sambas. Dentro da trilha sonora do espetáculo há uma música composta pelo próprio diretor, ouvida no início e no final da peça.

O cenário é simples, com apenas uma cadeira de balanço, quatro caixas de madeira, um arco de madeira e um tapete vermelho.



Cenário



O Grupo

5. A apresentação – *O Dia ‘D’*

Um dia antes da apresentação da peça teatral “Quem é o rei?”, fui ao encontro do Grupo do CAS, entreguei os convites, como combinado e marcamos o horário para chegar ao Teatro. Todos estavam lá na hora marcada. Todos muito ansiosos para entrar. Pedi ajuda a alguns colegas, inclusive ao meu marido Daniel Albuquerque, que cursou juntamente comigo o Módulo I e II do curso de Libras, para auxiliá-los na recepção e na entrada do Teatro. Infelizmente não poderia estar junto, pois, estava preparando-me para a apresentação.

O Grupo estava se achando importante, pois tinha prioridade na fila e lugar reservado. Eu estava ansiosa e nervosa, torcendo para que tudo desse certo. Coloquei o grupo sentado em um mesmo lugar no Teatro e uma câmera bem em frente a eles, não próxima, para não intimidá-los, distante o suficiente para gravar a reação deles durante a apresentação da peça.

Enquanto aguardavam o início do espetáculo, todos olhavam ansiosos e curiosos para o cenário, para a platéia, para a iluminação. Cada um observava atentamente tudo o que podia, conversavam entre si e alguns tiravam fotos.

Após alguns minutos de espera e ansiedade, o espetáculo começou. O Grupo começa a observar a peça e a reação do restante da platéia.

6. *Lendo o Silêncio*

Durante o espetáculo, a reação da platéia surda variou bastante. Logo no início, percebia-se a expectativa para ver o que aconteceria e se conseguiriam entender alguma coisa. Estavam todos muito atentos.

Com o passar do tempo, alguns começaram a ficar inquietos, pois, não conseguiam entender nada do que estava acontecendo. Começaram a olhar para o restante da platéia, que acompanhava tudo e dava risadas, e comunicavam-se em LIBRAS em alguns momentos.

Como o espetáculo era uma comédia, via-se todo o tempo a platéia rindo e isso os incomodava. Observando esse certo incômodo, uma das professoras intérpretes começou a explicar-lhes algumas coisas em LIBRAS e a grande maioria dividiu a atenção entre o espetáculo e a explicação da professora. Nos momentos em que a

platéia toda ria, todos se voltavam para a intérprete para que ela explicasse a fala do acontecido. Em outros momentos não era necessária a explicação, pois os gestos eram suficientes para a compreensão da cena.

O espetáculo durou cerca de 50 minutos. A impressão que tenho é que para os surdos esse tempo duplica ou triplica. Não encontrei nenhum artigo ou citação sobre esse assunto ou fato. É uma impressão que tenho como ouvinte. Deve ser no mínimo inquietante passar 50 minutos vendo algo que não se consegue ‘entender’. Deve ser a mesma sensação de assistir a televisão sem áudio. Algumas coisas até compreendemos, mas a relação entre elas e o contexto, não.

Fim do espetáculo.



Agradecimento do GPT ao público

Após a apresentação fiz os devidos agradecimentos aos que compareceram. Pelos agradecimentos e pelas palmas recebidas (mãos balançando no ar), já pude perceber que a experiência tinha sido diferente e válida. Percebi que no meio de toda a platéia, o fato de eu fazer parte do espetáculo e ter me dirigido especialmente a eles e agradecido, os fez sentirem-se valorizados. O sorriso no rosto deles era a resposta de que eu poderia ir sim, na segunda-feira ao CAS, aplicar o questionário e verificar a impressão que tiveram sobre a peça. Eu seria bem recebida.



Surdos ‘aplaudindo’ ao final do espetáculo.

6.1. Respondendo ao questionário – Concretizando o silêncio

Na segunda-feira, levei os questionários para o CAS. A recepção foi excelente e agradável. Iniciamos o processo com a minha explicação de como deveriam proceder. Contei com a ajuda de uma professora interprete de Libras, que foi explicando questão por questão. Isso demandou um tempo bem maior do que eu esperava.



A intérprete de Libras Eliane auxiliando na aplicação do questionário

Ficamos manhã e tarde para fazer essa tarefa, pois o entendimento de uma pessoa com deficiência auditiva não acontece da mesma forma que o de uma pessoa que ouve normalmente. É preciso que se explique o que cada palavra quer dizer. É necessário explicar a palavra fora e dentro do contexto para que não haja confusão. Da mesma forma como ocorre na Língua Portuguesa, as vezes uma palavra possui muitos significados (conotação, denotação), assim em Libras, um mesmo sinal, uma mesma configuração de mãos pode dizer várias coisas diferentes dependendo do contexto.



O grupo de Surdos respondendo ao Questionário

Os surdos aprendem a ler e a escrever o Português como segunda língua. A primeira língua deles é LIBRAS e o português é como se fosse para nós, um inglês ou espanhol, que causam o mesmo estranhamento, bloqueio, insegurança etc. Como afirma a doutora em estudos Lingüísticos (UFPR), Sueli Fernandes:

O produto cultural mais representativo é a língua de sinais. Este fato faz com que eles passem a ser reconhecidos como um grupo cultural que utiliza uma língua minoritária e muitas vezes sofrem exclusão social por utilizar a língua de sinais como forma predominante de comunicação e interação, em detrimento da fala. (FERNANDES, 2007, p.23)

Dessa forma é preciso explicar em LIBRAS para o surdo o significado de cada palavra dentro do contexto vivido por eles. A compreensão do Surdo ao ler uma frase em português, por mais simples que seja, não é imediata. É preciso que eles conheçam a palavra em LIBRAS para aí então entendê-la.

A impossibilidade de fazer relações entre a oralidade e a escrita torna o trabalho ainda mais complicado e extenso. É preciso que cada um entenda o que cada frase quer dizer, o que significa cada pergunta, para então começar o processo de respostas.

De acordo com o livro Educação de Surdos (Fernandes, 2007, p. 97), o que se entende é que o léxico da língua de sinais é formado por palavras que mantêm uma relação totalmente arbitrária com o dado da realidade a que se refere, tal como se dá com as palavras das línguas orais. Busca-se relação com aspectos da realidade para constituir seu sistema de representação, uma verossimilhança em alguns verbos. Como LIBRAS possui um sistema lingüístico autônomo, as regras de organização gramatical são completamente diferentes da língua portuguesa.

A escrita do surdo também é diferente: na língua do surdo não há verbo de ligação, conjugação de verbos, fonemas e sílabas como na língua portuguesa. Isso é demonstrado na escrita. Como a primeira língua é a língua de sinais e não o português, os Surdos produzem uma espécie de “interlíngua”, processo peculiar a aprendizes de segunda língua que se caracteriza pela mistura de estruturas e funções entre a língua-base (libras e a língua-alvo português) (FERNANDES, 2007, 127).

A forma de escrever é a mesma de como se fala. Não é necessária para eles a análise de todos os elementos que utilizamos na língua portuguesa, e, portanto, chega a nossa vez de fazer a interpretação.

Vou dar como exemplo uma das perguntas do questionário aplicado e a forma como um surdo respondeu:

Pergunta: Como você se sentiu ao não entender as palavras ditas pelos atores no palco?

Resposta: Senti nada oral. Mas expressão facial risada. Entender.

Isso ocorre devido ao fato de que nas escolas a escrita é ensinada com base na oralidade, situação que em nada favorece a aprendizagem dos alunos surdos. Sendo assim, é comum encontrarmos nos textos palavras inadequadas, troca de artigos, omissão ou erros no uso de preposições, conjunções e outros elementos de ligação, problemas de concordância nominal etc.

Questionários respondidos, mais uma etapa cumprida. Meus agradecimentos e fotos.

Terminada esta etapa, tenho em mãos um vídeo do grupo assistindo ao espetáculo de teatro e treze questionários para fazer observações, estudos e análises.

7. Questionários e vídeo – dando significado ao silêncio

7.1. Questionários

Fazendo a leitura superficial dos questionários que foram respondidos por 10 Surdos e apenas três (3) Ouvintes (audição perfeita), observei que a maioria prestou atenção em todos os elementos da cena, tais como figurino, maquiagem, cenário e que todos, sem exceção, sentiram falta de mais expressão facial e gestualidade. No exemplo que dei acima sobre a escrita do surdo está uma das questões que revela a falta de gestualidade e expressão facial, que faz parte da comunicação do surdo. Outra questão colocada no questionário foi a seguinte: O que faltou no espetáculo para que você pudesse compreendê-lo melhor? Três (3) dos entrevistados colocaram que faltou intérprete de Libras; quatro (4) afirmaram que atores fazendo uso de LIBRAS e três (3) deles afirmaram que se tivesse mais gestualidade e expressão facial nas falas e intenções, teriam compreendido, percebido o assunto melhor.

Os surdos conseguiram absorver apenas alguns momentos, algumas cenas. É como se fosse uma história em quadrinhos, separadas por quadros. Apenas partes distintas são entendidas.

É preciso que explique o conteúdo anteriormente para que ao assistirem, eles percebam o sentido, o contexto, o assunto exposto.

Em uma das respostas observei a imensa importância que o gesto e a imagem possuem dentro da cultura surda. Com o elemento visual eles têm uma compreensão prévia do tema implicado. É essencial o uso de imagens, além dos gestos, pois “a LIBRAS é uma língua de modalidade visual-espacial, que diferente das línguas orais-

auditivas, utiliza-se da visão, para sua apropriação, e de elementos corporais, faciais, organizados em movimentos no espaço, para construir unidades de sentido: as palavras ou, como se referem os surdos, os ‘sinais’”. (FERNANDES, 2007, p. 95). Essa língua visual oferecerá os mesmos elementos simbólicos da linguagem oral para quem ouve, necessários ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como a memória, o raciocínio lógico, a formação e a generalização de conceitos, entre outros. Os surdos utilizam formas alternativas de interação e comunicação simbólica.

Pessoas surdas, de acordo com Fernandes, utilizam duas estratégias, isoladamente, ou de forma combinada, na comunicação, quais sejam:

A Linguagem gestual - que se desenvolve sem dificuldade mesmo isolada do contato com outros Surdos, com a qual interagem relativamente bem em situações cotidianas mais simples;

A Língua de Sinais - que potencializa suas possibilidades de representação e interação social, cuja aquisição é dependente do contato com outros surdos sinalizadores para sua apropriação. (FERNANDES, 2007, p. 90 e 91)

Em relação a como se sentiram ao término do espetáculo, todos colocaram que se sentiram felizes e importantes. Pois além de estarem sendo observados para serem incluídos na comunidade, estavam tendo a oportunidade de participar de uma apresentação de Teatro como qualquer pessoa.

7.2. O vídeo - Assistindo a leitura do silêncio

Ao assistir ao vídeo, notei que o grupo tentou e muito compreender o que se passava na peça. Ficavam preocupados com as outras pessoas na platéia que sorriam o tempo todo e eles não podiam compreender o que se passava. Percebi que em muitos momentos eles procuraram ajuda nos Intérpretes para que estes explicassem o que estava acontecendo. A inquietação da platéia surda é nítida como já relatei anteriormente, mas achei muito interessante a vontade deles em entender o que se passava.

Alguns surdos conseguem fazer leitura de lábios. Olham para os lábios das pessoas e compreendem as palavras ditas. Esta não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é extremamente cansativa, pois pressupõe esforço e atenção redobrada, além de possuir outros elementos que prejudicam a tarefa da leitura labial, tais como movimentações paralelas e as características dos lábios de quem fala – presença de bigodes, lábios imperfeitos, trejeitos articulatórios, mobilidade labial – que tiram a atenção da pessoa surda. Por isso, nem todos conseguem. Alguns conseguiram fazer leitura de lábios em alguns momentos do espetáculo. Fato comprovado no dia da aplicação do questionário, quando fui abordada por um dos surdos que me perguntou se na peça tinha ‘palavrão’, pois ele havia reconhecido o movimento dos lábios.

Vendo o vídeo, é possível observar que alguns deles, mesmo sem ouvir apreciam com prazer o espetáculo. Assistem com sorriso nos lábios e de vez em quando ‘cutucam’ o companheiro ao lado. Buscam com o olhar cada gesto, cada movimento para poder fazer uma leitura do que se vê.

Capítulo II – Análise da Experiência vivida

1. *Em busca de um significado*

Para entender um pouco mais sobre o significado da palavra *Gesto*, realizei algumas pesquisas e buscas a fim de obter diferentes definições e informações desta palavra que é o ponto chave do projeto por mim realizado.

De certa forma, o significado desta palavra, apesar de ser usada por todos em diversos seguimentos, não possui muita variação. A grande questão é como é feito seu uso, com que propósito.

Existem diversas maneiras de ver a importância do *gesto* dentro da realidade e convivência do ser humano. Cada seguimento com suas particularidades.

O interessante é que independente da área pesquisada, o *gesto* sempre tem uma relevância para que a comunicação seja eficiente.

A importância do *gesto* na comunicação humana é fato. Os homens das cavernas, com seu cérebro rudimentar, deviam se comunicar através de *gestos*, posturas, gritos e grunhidos, assim como os demais animais não dotados da capacidade de expressão mais refinada.

Com certeza, em um determinado momento desse passado, esse homem aprendeu a relacionar objetos e seu uso e a criar utensílios para caça e proteção e pode ter passado isso aos demais, através de *gestos* e repetição do processo, criando assim, uma forma primitiva e simples de linguagem.

É desse ponto que parto para minha pesquisa. O gesto como uma arma de comunicação eficaz.

2. *Componentes da Comunicação*

São componentes do processo de comunicação: o emissor da mensagem, o receptor, a mensagem em si, o canal de propagação, o meio de comunicação, a resposta (feedback) e o ambiente onde o processo comunicativo acontece.

Com relação ao ambiente, o processo comunicacional sofre interferências do ruído e a interpretação e compreensão da mensagem fica subordinada ao repertório (crenças, modo de ser, comportamentos) do receptor.

Em relação à forma, a comunicação pode ser verbal, não-verbal, gestual e mediada:

Verbal – Comunicação através da fala propriamente dita, formada por palavras e frases. Tem suas dificuldades (timidez, gagueira, etc.), mas ainda é a melhor forma de comunicação.

Não-verbal – Comunicação que não é feita por palavras faladas ou escritas. Usam-se muito os símbolos (sinais, placas, logotipos, ícones) que são constituídos de formas, cores e tipografias, que combinados transmitem uma idéia ou mensagem.

Linguagem corporal corresponde a todos os movimentos gestuais e de postura que fazem com que a comunicação seja mais efetiva. A gesticulação foi a primeira forma de comunicação. Com o aparecimento da palavra falada os gestos foram tornando-se secundários, contudo eles constituem o complemento da expressão, devendo ser coerentes com o conteúdo da mensagem.

A expressão corporal é fortemente ligada ao psicológico, traços comportamentais são secundários e auxiliares. Geralmente é utilizada para auxiliar na comunicação verbal, porém, deve-se tomar cuidado, pois muitas vezes a boca diz uma coisa, mas o corpo fala outra completamente diferente.

Comunicação mediada – processo de comunicação em que está envolvido algum tipo de aparato técnico que intermedia os locutores.

Toda essa inovação nas formas de comunicação fez com que a humanidade passasse a viver de uma forma totalmente nova, onde as fronteiras físicas deixam de ser obstáculos à comunicação constante entre os povos. Formas que até alguns anos eram impensáveis, passam a fazer parte do nosso dia a dia.

Um universo novo se apresenta e, se os horizontes se alargam, perde-se o controle da informação próxima e garantida. Chegamos à exacerbação da informação (que é diferente do conhecimento), através dos meios eletrônicos, dos quais a internet é a campeã. Nesse universo tecnológico predomina a sapiência humana, suas qualidades, mas também, suas mazelas. Cabe às pessoas que se comunicam, fazê-lo de forma a utilizar as informações como fonte de troca para aquisição do conhecimento e usá-las com sabedoria. (História da Comunicação Humana: disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/932717/Historia-da-comunicacao-humana>>. Acesso em: 20 out.2011).

3. *Acréscimos durante a busca*

Tentando compreender a importância do gesto na comunicação humana e, mais especificamente, no teatro e no universo dos deficientes auditivos, transitei por áreas de conhecimento diversas: psicologia, filosofia, teatral, médica e até pela área de administração. Minhas pesquisas levaram-me ao termo ‘Linguagem corporal’, ‘Movimento do corpo’ e ‘Ação física’.

Neste período, tive a oportunidade de participar de uma Oficina Teatral oferecida pela ¹Usina de Artes João Donato dentro da grade do Curso Técnico de Teatro, do qual sou aluna atualmente.

A oficina foi ministrada pela Dra. Ceres Vittori ², com a qual tive a oportunidade de compartilhar minha pesquisa e meu interesse sobre o significado do *gesto* dentro do teatro. Ela por sua vez, falou-me um pouco sobre seus estudos sobre Rudolf Laban e suas técnicas. No dia do encerramento da Oficina, foi oferecida uma palestra dirigida a artistas, dançarinos, estudantes de teatro e de artes e ao público em geral.

A palestra teve como base a apresentação do vídeo “A escrita eletrônica dos movimentos do corpo baseado no método Laban¹”, e o texto “Rudolf Laban e as Modernas Idéias Científicas da Complexidade²”. Laban³ foi considerado por muitos o mestre do movimento.

Conversamos também sobre Klauss Viana, um brasileiro nascido em Belo Horizonte em 1928, que foi considerado um mestre pesquisador por ser ~~um~~ organizador de um sistema de treinamento corporal sofisticado.

Conhecer um pouco mais sobre as teorias e técnicas de Laban, me fez pensar um pouco mais sobre a razão de minha experiência.

¹A Usina de Artes João Donato é um equipamento cultural público administrado pela Fundação Estadual de Comunicação e Cultura Elias Mansur, vinculada ao Governo do Estado do Acre. Ela oferece diversos cursos gratuitos à população de Rio Branco, além de uma vasta programação artística durante o ano.

²Dra.Ceres possui experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em Interpretação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: Dramaturgia corporal, expressão corporal, formação de atores, performance e interpretação, pedagogia do teatro e arte e educação.

O *gesto* não é simplesmente um *gesto*, ele é repleto de significados. Por mais simples e único que seja, o *gesto* é um ‘mundo’ de informações. Todo movimento possui força, ritmo, direção, velocidade e intenção.

Logo após esta oficina na Usina de Artes, tive a oportunidade de participar de outro Curso no mesmo local. Desta vez foi o Curso de direção de Atores e Interpretação para cinema, com Christian Duuvoort*. O Curso visava mostrar que o exercício da imaginação é fundamental para o artista, seja lá qual for o suporte que utiliza para sua arte. Seu objetivo era abordar a técnica de interpretação e de direção de atores no cinema, ensinando o aluno a economizar tempo, desenvolver uma estratégia de atuação, de comunicação, diminuir o desgaste físico e manter o fluxo criativo. Ele nos apresentou “O Ator Imaginário”, um método próprio, que prioriza a Ação no trabalho cênico. Este método foi desenvolvido ao longo dos seus 25 anos de atividades.

Achei interessante, pois, a pesquisa feita por Duuvoort, busca a intensidade nos movimentos, nos gestos, na força de uma comunicação eficaz que se pode obter através destes.

Participando dos Cursos pude compreender e analisar um pouco mais sobre a importância dos gestos, movimentos e intenções. Fizemos vários exercícios, sem o uso da fala e que tínhamos que ter uma comunicação eficaz. Observei as demais pessoas do grupo cumprindo os exercícios e a comunicação era visível e eficazmente visível.

Antes de participar desta experiência e poder estar analisando o gesto em si, eu tinha conhecimento deste elemento importante dentro do teatro, mas era um pouco abstrato. Quando comecei a estudar e a fazer desta experiência e pesquisa algo do meu cotidiano, as coisas começaram a fazer mais sentido e pude vivenciar algumas teorias e conceitos na prática.

¹ Vídeo de Anna Cordeiro.

² Texto de Jorge de Albuquerque Vieira, do livro "Reflexões Sobre Laban, o Mestre do Movimento", de Maria Mommensohn (editora Summus, 2006).

³ Foi um bailarino, coreógrafo, professor húngaro-germânico, nascido em 1879, influenciou muitas gerações de profissionais da dança e do movimento.

*Ator, diretor e pesquisador de teatro com ~~que~~ um vasto currículo em preparação de atores e trabalhos renomados e premiados e bem conhecidos no Brasil e no exterior, como Cidade de Deus e Cidade dos Homens.

Durante os cursos minha percepção sobre os gestos passou a ter um sentido diferente. Uma diferença notável é que comecei a fazê-los com consciência. Isso melhorou meu desempenho como atriz e até mesmo como ser humano. Por incrível que pareça, comecei a me analisar como ‘instrumento’ de comunicação, coisa que antes nunca tinha feito.

4. *Entende-se como Gesto*

A princípio entende-se o que é movimento e o que é *gesto*, de uma maneira geral, pela forma como somos acostumados a ver, a tratar, a receber e a agir. Mas quando compreendemos o real significado, percebemos que sua importância nos fica nítida.

Como toda minha experiência partiu da curiosidade motivada pelo interesse em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – e pela vontade de compreender a importância do gesto no teatro, enquanto possibilidade de comunicação com os surdos, prossegui em minha caminhada na área. Isso me fez compreender que em cada etapa, cada *gesto* (que é a principal forma de comunicação para o Surdo) se for mal ‘construído’, com uma intensidade e força que não cabe ou uma simples posição do corpo fora de ordem, faz com que o objetivo seja transformado.

De acordo com meu relato anterior, participei do Curso de Formação Profissional do Centro de Apoio ao Surdo – CAS/AC, Módulos I, II e III, também concluindo a formação de Intérprete de Libras, que é o Módulo final - o mais importante de todo o processo, pois envolve conhecimentos de várias áreas, tais como Direito, Psicologia, Medicina, etc. Assim, aproveitei para vasculhar o significado do *gesto* também nestas outras áreas distintas.

De acordo com o Dicionário Michaelis, *Gesto* significa:

1 Movimento do corpo, principalmente das mãos, braços, cabeça e olhos, para exprimir idéias ou sentimentos, na declamação e conversação. 2 Aceno, mímica, sinal. 3 Aspecto, aparência, parecer. 4 Semblante.

Conforme o Dicionário Houaiss, 2009 gesto é:

O movimento do corpo, especialmente das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica. É uma expressão singular que se mostra em alguém ou em um semblante; aparência, aspecto, fisionomia. Define-se também como uma maneira do humano se manifestar; atitude, ação.

Lendo estas definições sobre gesto, senti vontade de buscar também o significado de *Linguagem Corporal*. Na Wikipédia, a enciclopédia livre, encontrei a seguinte definição:

A **linguagem corporal** corresponde a todos os movimentos gestuais e de postura que fazem com que a comunicação seja mais efetiva e apurada. A gesticulação foi a primeira forma de comunicação. Com o aparecimento da palavra falada os *gestos* foram tornando-se secundários, contudo eles constituem o complemento da expressão, devendo ser coerentes com o conteúdo da mensagem.

Uma definição leva à outra. Sendo assim, busquei entender um pouco mais sobre linguagem corporal, postura, expressão e deparei-me na área da Administração, tratando da preparação do corpo para expressar-se de maneira coerente e clara. É importante lembrar também que o *gesto* raramente deve ser observado de forma isolada, deve sim ser considerado dentro de um contexto mais abrangente.

O valor do *gesto* deve ser comparado ao da palavra em uma língua por ter o mesmo peso. Assim como a palavra vista de maneira separada pode não se realizar em sua significação, também o *gesto* separado do contexto poderá não ter significado. Para que uma atitude possa ser compreendida e interpretada há necessidade, portanto, de que ocorra a inter-relação de *gestos* em harmonia com outros.

Josué Montello, na sua interessante obra "Anedotário Geral da Academia Brasileira", conta que José Maria Paranhos, futuro Visconde de Rio Branco, possuía na tribuna um *gesto* característico, que se transformou numa espécie de cacoete: erguia o braço, dedo indicador em riste, nos momentos em que parecia mais arrebatado. E diz

que o próprio orador deu esta explicação para o seu *gesto*: "Quando a idéia não vale por si para ir bastante alto, trato de suspendê-la na ponta do dedo". POLITO. **Gestos e Posturas para falar melhor.** Disponível em: <http://polito.com.br/portugues/livro.php?id_nivel=13&id_nivel2=164> Acesso em 20 out. 2011.)

É bom lembrar que uma atitude pode, às vezes, não ter nenhum outro sentido, além do próprio fato em si.

O *gesto* precisa ser observado e entendido sempre dentro de um contexto maior, que inclui o significado específico do *gesto* em si, as palavras, o conteúdo da mensagem, as circunstâncias e os outros *gestos* que participaram do processo de comunicação. Muitas vezes, o fato de estarmos nos comunicando com pessoas de culturas diferentes da nossa não deve nos inibir ou provocar constrangimento. Primeiro porque se um ou outro *gesto* transmitir uma mensagem distinta daquela que estávamos pretendendo, provavelmente o interlocutor irá compreender, assim como nós compreendemos o OK do americano ou os beijos dos soviéticos, pois é quase certo que tenha consciência das diferenças culturais; depois, dificilmente essa situação ocorrerá, porque, como vimos, a comunicação se dará, normalmente, não por um *gesto* isolado, mas sim por um conjunto de informações que precisa ser considerado. Mesmo assim, convém não negligenciar para não correr o risco de comprometer a qualidade ou o sentido da comunicação por causa de um *gesto* impensado. (POLITO.R. **Seu gesto fala.** Disponível em: < www.algosobre.com.br/carreira/seu-gesto-fala.html> Acesso em: 20 out.2011.)

Na linha *Filosófica* do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento, *gestos* são comportamentos operantes porque aprendemos a fazê-los por conta de um ambiente de regras culturais que explicam seus efeitos. Cada cultura, portanto, terá formado gestos diferentes, pois opera por regras diferentes.

Seguindo com a busca, encontrei na área da *Psicologia* dois estudiosos, Allan e Barbara Pease, que no livro *Linguagem Corporal* (Bizâncio) afirmam que “A linguagem corporal é uma reflexão para o exterior do estado emocional de uma pessoa”. Assim sendo, asseguram que cada movimento ou *gesto* pode constituir um valiosíssimo indicador de uma emoção que se experimenta. A verdade está precisamente nos *gestos* involuntários do rosto e do corpo, que refletem aspectos da personalidade, manifestam

emoções e pensamentos. A comunicação não verbal pode contradizer as palavras. Isso acontece quando aquilo que dizemos é diferente do que realmente sentimos.

Acredito, portanto, que no teatro o gesto é uma potente ferramenta de trabalho. O que a voz não alcança, o gesto atinge.

5. *O significado e a importância do gesto no teatro:*

Patrice Pavis caracteriza o *gesto* como o “movimento corporal na maior parte dos casos voluntário e controlado do ator, produzido com vista a uma significação mais ou menos dependente do texto dito, ou completamente autônomo.” Seguindo, ele estabelece o estatuto do *gesto*: o *gesto* como expressão, uma concepção clássica que vê o *gesto* como um meio expressivo; *gesto* como produção, ou seja, como signo. Por fim, o *gesto* como imagem interna do corpo ou como sistema exterior. (PAVIS, 2001, p.184)

Klauss Viana no livro *A Dança* afirma que:

É muito difícil manifestar um sentimento, uma emoção, uma intenção, se me oriento mais por formas condicionadas e conceitos preestabelecidos do que pela verdade do meu gesto. O que confere autenticidade e expressão a um dado movimento coreográfico é precisamente o poder que ele tem de traduzir certas emoções, sentimentos ou sensações, (...). Ou seja: o que é dançado é dançado por alguém que vive intensamente aquele movimento, aquele gesto, e por isso consegue expressá-lo plenamente. (VIANA, 1990, p.102-103)

Para Viana os movimentos do corpo deveriam ser feitos de maneira consciente. Deveriam ter ligação com todo o resto, como se fossem ensaiados. No entanto, seria obrigatório não perder a expressividade nos movimentos.

Lendo o livro “O Ator Compositor” de Matteo Bonfitto, entendi um pouco mais sobre a formação de um ator de maneira completa: corpo, alma, emoções, definições etc. Ou seja, para que o ator esteja apto para atuar e para que essa atuação tenha uma comunicação eficaz, ele precisa ser completo, estar preparado por inteiro. O autoconhecimento de um ator é tarefa necessária e indispensável.

Para Bertolt Brecht existe todo um processo de construção para que um personagem seja feito, como primeiras impressões, dúvidas, reconhecimento das contradições, identificação com o personagem e como este personagem é visto por terceiros. Dessa forma, Brecht usa o que ele chama de “*gesto social*” que não é referido

como gesticulação ou mímica, mas como uma linguagem que demonstra atitudes assumidas diante de outras pessoas. Ele segue explicando a diferença que existe entre “gesto” e “gesto social”. O primeiro é tido somente como gesticulação, o segundo é priorizado por revelar aspectos referentes às relações entre os homens.

Como exemplo, podemos citar o personagem Galileu Galilei, da peça do mesmo nome. Em seu **gestus** o ator que personifica Galileu deve mostrar a fusão do apetite intelectual com o prazer pela comida. Galileu pensa melhor quando toma seu café da manhã. Na peça, sua primeira fala ao seu aluno estudante de física, Andrea Sarti, é: *ponha o leite e o pão na mesa, mas não feche nenhum livro. Ou ainda, como está no texto: ele (Galileu) nunca dirá não a uma boa idéia ou a um copo de bom vinho.* (GALILEI, 1938 p.26 E 80).

Este sentimento será mostrado sempre pela personagem em sua relação com a comida, guardando comida em seus bolsos, olhando de forma apetitosa e sensual, etc... formando o **gestus** de sua relação do apetite de conhecimento com o prazer pela comida, evitando retratar a personagem Galileu apenas como um intelectual (Thomson, 1994, p.148-9). Esta discussão entre a comida e a moral, cria uma atitude genérica e fornece muitas possíveis explicações sobre a atitude de Galileu e a negação de suas descobertas científicas frente à Inquisição. O **Gestus** deve revelar um determinado aspecto da personagem, pois é uma dimensão física e não psicológica ou metafísica. (Gestus. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestus>>. Acesso em 20 out.2011.)

Brecht considera *gesto social (gestus)*, o gesto ou conjunto de gestos que revelam a determinação histórica das atitudes humanas. O *gesto* em seu enfoque social e não psicológico, crítico e criticável. Outro exemplo é em *Mãe Coragem e seus filhos*: comerciante que vive da guerra, a personagem morde uma moeda para conferir a legitimidade do metal, revelando um excessivo zelo financeiro num conflito que lhe rouba, um a um, todos os filhos. O *gesto* comenta e denuncia a situação, sua contradição é patética, assombrosa. O *gestus* em que se pode ler toda uma situação social, pode ser encontrado em vários elementos da encenação, na própria língua inclusive. (DESGRANGES, 2010, p.101).

Brecht afirma que o homem não é uma marionete e que seus *gestos* não são irreversíveis e imutáveis, os *gestos* dependem de suas emoções e podem ser feitos de

maneiras diferentes, sem regras. Ele ainda vai mais fundo quando afirma que os *gestos* têm a função de traduzir os processos sensíveis e emocionais das personagens:

“...desde já devemos dizer que todos os elementos da natureza emocional têm de ser exteriorizados, isto é, precisam ser desenvolvidos em *gestos*”. (BRECHT, 1978, p 83).

Esse grande encenador sempre considerou prioritário o contato vivo com o público. O corpo, em sua prática teatral, como nos faz notar Patrice Pavis, corre o risco de tornar-se obediente demais, e, portanto sem vida, mantendo-se como um simples executor de elaborações intelectuais, e o *gestus*, um *gesto* sem corpo.

Falando ainda sobre a construção de um personagem, temos um fator relevante defendido por Constantin Stanislávski: o impulso. Segundo ele, este é fundamental para a realização das ações físicas, pois, a precedem, sempre indo do externo para o interno. Já Jerzy Grotósvski afirmava o contrário. O impulso partia do interior para o exterior, estando enraizados profundamente ‘dentro’ do corpo, e depois se estendendo para fora. Mas, certamente os dois sabiam da importância do *gesto* no corpo do ator para uma representação teatral. (BONFITO, 2009. p. 73 e 74).

O *gesto* deixa de ser simplesmente uma atividade e passa a ser valorizado enquanto ação física, ou seja, movimentos que possuem significado. (BONFITO, 2009, p. 68)

6. Análise da Experiência á luz das idéias de Flávio Desgranges

No livro “*A pedagogia do espectador*” de Flávio Desgranges, é abordada a forma como o público assiste e percebe o teatro. A relação existente entre o espectador e a obra teatral. A importância da formação de público para o teatro. Este tema está diretamente relacionado com a experiência feita por mim com o grupo de Surdos.

Quando abordo a importância do *gesto* dentro do teatro, e coloco-o como a comunicação principal para um grupo e busco compreender até que ponto a forma e a maneira de se executá-la pode influenciar na recepção desta audiência, estou falando também sobre a pedagogia do espectador.

Como é o entendimento desse público ao ver um espetáculo? É claro que o fato das pessoas serem surdas, o espetáculo oralizado e não possuir um Intérprete de LIBRAS para favorecer o entendimento desse público específico, muda alguns aspectos dessa recepção, mas não foge ao que Desgranges relata em sua obra.

Lendo sobre uma experiência vivida por Maria Fux, narrada em seu livro “*Dança, Experiência de Vida*”, compreendi que *mesmo que não haja ruídos ou sons, pode-se fazer a leitura do silêncio*. (FUX,1983.pág.101).

Fux fala sobre a experiência de ensinar dança a uma menina surda, e que através dessa experiência compreendeu que mesmo sem sons pode-se dançar e fazer do seu corpo uma ferramenta de comunicação. Existe a possibilidade de compreensão e de leitura de forma visual, pois com movimentos se expressa e se comunica.

Cada pessoa recebe o espetáculo, a obra teatral, à sua maneira, de acordo com a sua experiência de vida. Não há como fazer uma análise geral da percepção do Grupo de Surdos que assistiu ao espetáculo. Não há uma fórmula certa para ser público, espectador. Mas sabemos que não é simplesmente parar em frente a uma obra e assisti-la. É preciso que haja entendimento, compreensão e que de alguma forma seja feita uma análise do que foi visto.

Brecht afirmava que a leitura crítica, a capacidade de compreensão de uma obra de arte, no entanto, pode e precisa ser trabalhada. (DESGRANGES, 2010, p.31). É preciso que o espectador tenha o mínimo de conhecimento sobre os significados, sobre os símbolos, o funcionamento, os efeitos do teatro para que possa ser capaz de fazer uma análise coerente.

O apreço está diretamente ligado ao grau de intimidade e, apenas entrando em contato com o teatro, seus meandros, técnicas e história, o espectador pode reconhecer nele importante espaço de debate das nossas questões e, principalmente, perceber o quão prazerosa e gratificante pode ser essa relação. O gosto por uma cultura artística, contudo, se constrói desde a infância. (DESGRANGES, 2010, p.33).

A grande maioria das pessoas está acostumada a receber tudo mastigado e explicado, o que dificulta a compreensão e a comunicação eficaz com o teatro, que é reflexivo. Não há uma explicação ao final de cada espetáculo, e isso faz com que muitos saiam se perguntando o porquê de muitas coisas. Essa é a função do teatro. Fazer com que cada um tenha sua própria experiência e leitura. Mas não é isso que o público aceita. A platéia ‘mal formada’ quer que a pergunta venha acompanhada de uma resposta instantaneamente.

Mesmo com a dificuldade colocada ao público de surdos, que tiveram que assistir a um espetáculo sem a língua compreensível para eles, o teatro conseguiu atingir seu propósito de alguma forma. Nos questionários realizados após a apresentação, algumas questões sobre compreensão foram respondidas com a intenção buscada. Algumas pessoas do grupo compreenderam a importância do teatro como um auxiliar na formação educacional, afirmando que através dele poderiam discutir assuntos de interesse da cultura surda, aprender através das obras apresentadas. **E PRINCIPALMENTE ELES PODERIAM SE EXPRESSAR!**

Interessante como uma questão defendida por Brecht sobre a real finalidade do Teatro foi respondida por este grupo. Quando Brecht afirma que o teatro não deve ser apenas para divertimento, mas também para reflexão, pude notar isso quando em uma observação do questionário, uma das pessoas coloca o teatro como uma ferramenta para o ensino, como forma de incentivo a aprendizagem. E outra observação é sobre o fato de muitos sentirem-se confusos ao término do espetáculo, sem saber explicar o que sentiam. A inquietação faz parte do processo. **QUE O TEATRO SIRVA PARA INQUIETAR!**

O estranhamento do cotidiano, o questionamento do que antes parecia normal e se mostra agora surpreendente. O *assombro* é a tomada de consciência, a percepção da dimensão social do acontecimento, a descoberta das muitas possibilidades de

desdobramento e desfecho para o mesmo fato. É o sentimento de prazer que provoca essa descoberta (Benjamim apud Desgranges, 2010 p.95).

O grupo levado ao teatro não era um grupo acostumado a freqüentar e assistir a qualquer obra teatral. É um público ‘verde’. Um público sem formação. Em parte a falta de ‘interesse’ desse público específico é por não ter espetáculos que proporcionem a freqüência de tais pessoas com necessidades especiais.

Quando perguntados se voltariam ao teatro para assistir a outro espetáculo (sem Libras), foi unânime a resposta negativa. Porém, ao serem interrogados sobre como se sentiram após o término da peça e sobre a experiência de ir ao teatro, também tivemos unanimidade sobre sentirem-se felizes.

Entretanto, a formação desses espectadores se daria da mesma forma como os ouvintes. O público com deficiência auditiva em nada se diferencia do público ouvinte no que se refere à formação de público, platéia. A diferença encontrada entre esses dois públicos é a língua utilizada para uma comunicação eficaz. Pois a forma de receber, os elementos analisados, o impacto que um espetáculo pode proporcionar a leitura, o distanciamento, etc. Tudo acontece da mesma maneira, cada um dentro da realidade de cada indivíduo. A formação e o gosto pela arte se dariam pelas experiências vividas e não somente por muita falação ou frases de convencimento.

Desgranges cita o filósofo Walter Benjamin, quando este diz “convencer é infrutífero”. Tentar fazer com que uma pessoa mude de opinião ou atitude apenas com o muito falar não adianta. É preciso que essa pessoa experimente e sinta a diferença.

É preciso que as pessoas tenham gosto pela experiência de freqüentar o teatro. De alguma maneira, este estudo possibilitou a esse grupo a oportunidade de entrar em um teatro. Para a maioria, o primeiro contato. E como forma de incentivo, a promessa de que o Grupo monte espetáculos que tenham Libras ou Intérpretes.

O que se constata é que mesmo o *gesto* sendo essencial para o teatro e o público ouvinte tendo o visual como sua principal forma de comunicação, é necessário que haja uma formação de público para o teatro. Por mais que a experiência individual de cada um seja a base para este entendimento, é preciso que se conheça sobre o teatro e tudo o que lhe diz respeito, para que a comunicação seja completa e para que o resultado seja eficiente. É preciso o mínimo de conhecimento sobre a linguagem cênica para que se consiga fazer uma análise e uma crítica com base na reflexão e pensamentos coerentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação do Instrutor de Libras – Daniel Martins Braga Gomes de que “o teatro esclarece o mundo surdo” torna-se compreensível quando sabemos que é a leitura das imagens nas diferentes linguagens (desenho, pintura, escultura, murais, maquetes, teatro, dramatização, mímica etc), que contribui para ampliação e conhecimento dos Surdos sobre todo e qualquer assunto que se queira abordar.

Os Surdos absorvem e aprendem muito mais com imagens, com gestualidade, do que com um simples texto. Neste ponto, sinto que esta experiência foi válida principalmente para mim, enquanto ser humano e atriz, e não somente para o Grupo que participou dela. Pude conhecer um pouco mais sobre a Comunidade Surda e perceber que existem outras formas de se construir o conhecimento, várias maneiras de comunicação e que grande importância tem os gestos e como podem transmitir intenções e sentidos.

Como visto por mim nas oficinas que realizei durante minha pesquisa, a importância da construção de uma presença cênica através da utilização da energia existente no corpo, para firmar uma comunicação eficaz com o público, é essencial. Uma expressão, um gesto, um movimento, uma intenção, o trabalho do ator, ou seja, uma encenação é uma potente forma de comunicação.

O teatro nos faz ‘perceber’ que estamos vivos, que somos um corpo com vários membros, que possuímos voz, caixas de ressonância, que somos poros, veias, pulso, ritmo, células, que ‘estamos’ aqui e agora. A energia que está em nós pode ser transmitida por qualquer parte do corpo, desde o fio de cabelo até a ponta do pé.

Toda esta busca me fez ter um novo olhar para esta coisa tão simples que é o *gesto*. Contextualizado, ele é definitivamente eficaz como elemento teatral e na comunicação humana.

Esta experiência me fez entender que é preciso que o espectador tenha o mínimo de conhecimento sobre os significados, sobre os símbolos, o funcionamento, os efeitos do teatro para que possa ser capaz de fazer uma análise coerente. Este espectador, seja ele ouvinte ou não, precisa ter uma formação.

Dentro de meus estudos, na busca da compreensão de como uma pessoa surda recebe um espetáculo, percebi que a dificuldade está em todos os públicos, e não somente naquele que possui deficiência auditiva.

O que deve ser valorizado é o resultado do contato que cada indivíduo tem com o teatro e o que ele faz com essas informações.

Mesmo com a dificuldade imposta ao público de surdos, que tiveram que assistir a um espetáculo sem a língua compreensível para eles, o teatro conseguiu atingir seu propósito de alguma forma. Cada indivíduo tem sua experiência a partir de sua vivência.

Imagino que se tivesse em nossa cidade, em nosso Estado, um grupo de teatro que utilizasse Libras ou mesmo um Intérprete de Libras durante as apresentações dos espetáculos, a realidade de formação de espectadores com deficiência auditiva fosse diferente.

O que pretendo é continuar com este trabalho, é poder estudar, compreender e fazer desse meu estudo uma experiência e quem sabe um trabalho diferenciado em minha cidade.

O que pretendia com este trabalho foi alcançado. Ter um conhecimento prévio de como é a recepção de uma platéia surda. Isso foi para mim um grande acréscimo em meu conhecimento e um grande incentivo e motivação em minha curiosidade.

O teatro serve para ensinar, para incluir, integrar e completar, além de divertir. É crescimento, é educação, é uma forma de conhecer o mundo e fazer parte dele sem restrição ou discriminação. Acredito na sua eficácia enquanto ferramenta educativa para qualquer público.

Que haja formação de platéias e de grupos teatrais que possam atender as inúmeras ‘necessidades’ desse público faminto por Arte. Espero que com esta pesquisa, com esta tímida experiência, este trabalho tenha continuidade e quem sabe um resultado que possa marcar a história do Teatro em nosso Estado. Que tenhamos pelo menos o mínimo de interesse nessa área. Porque não formamos platéia sem discriminação alguma?

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Os Sentidos da Gestualidade: Transposição e representação Gestual*. Mackenzie – Universidade presbiteriana Mackenzie USP – Universidade de São Paulo, 2010.
- BONFITTO, Matteo. *O ator compositor: as ações físicas como eixo: de Stanislávski a Barba*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BURNIER, Luiz Otávio. *A Arte do Ator: Da Técnica a Representação* - 2°.ed.Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2009.
- LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. *Arte da composição: teatro do movimento*. Brasília/DF: LGE. Editora, 2008.
- ROMANO, Lúcia. *O teatro do corpo manifesto: teatro físico*. Perspectiva, 2008. São Paulo (Debates 301; dirigido por J Guinsburg).

Internet:

- Civilização Suméria, 2010. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/sumeria/> Acesso em 20 set.2011.
- Comunicação: um jogo de movimentos entre o surdo e a educação. Disponível em: http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/pratica_ensino_educacao_surdos/texto41.pdf Acesso em: 13 set. 2011.
- História da Comunicação Humana. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/932717/historia-da-comunicacao-humana>. Acesso em: 20 set.2011.
- Gestus. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestus>. Acesso em 22 set.2011.

ANEXO:

Da análise dos Questionários, possuo os seguintes dados:

Treze (13) pessoas responderam ao questionário

Surdos

3 homens na faixa etária de 21 e 40 anos

7 mulheres na faixa etária de 23 e 42

Total: 10 – surdos de nascença

Estes 10 - são casos únicos com deficiência auditiva na família

Ouvintes

3 mulheres na faixa etária de 25 e 40

1 possui uma filha com deficiência auditiva

Dos entrevistados Surdos:

5 – possuem Ensino médio completo – 4 mulheres e 1 homem

1 homem possui o Ensino Superior completo - Pedagogia

2 mulheres cursam Ensino Superior: Pedagogia e Letras Vernáculo e outras

2 mulheres possuem Pós Graduação em Libras.

Ouvintes

3 possuem Pós Graduação em Ensino Especial

Sobre ter participado de algum trabalho teatral em LIBRAS:

Surdos

9 afirmaram ter participado da montagem da história infantil ‘Os três porquinhos’ – 6 mulheres e 3 homens.

1 afirma não ter participado de evento algum – (mulher)

Ouvintes:

1 afirma ter realizado uma cantiga de roda “Terezinha de Jesus” realizada com alunos surdos com um resultado maravilhoso.

Sobre ter assistido algum espetáculo em LIBRAS:

SurDOS

9 afirmam que sim – porém trata-se de teatro e histórias/Libras em Vídeos ou trabalhos realizados por eles.

1 afirma que nunca assistiu – mulher.

Ouvintes

2 afirmam ter assistido espetáculos em LIBRAS e que a compreensão é bem melhor pois há mais expressão e gestualidade.

1 Não assistiu.

Dentro do Grupo pesquisado, não há uma definição concreta sobre teatro. Para eles, qualquer evento que participam, seja uma história, seja a interpretação de uma música, é teatro. No entanto o interesse e a satisfação de estarem fazendo algo, seja uma história, seja uma música é nítida.

***Em relação à Peça apresentada: “Quem é o Rei?”**

SurDOS

3 Afirmaram ter compreendido toda a história da peça. -2 mulheres, 1 homem.

2 Afirmaram não ter entendido nada - 1 homem, 1 mulher

5 afirmaram ter entendido ‘mais ou menos’ -4 mulheres e 1 homem.

De acordo com as respostas, percebe-se que não há realmente um entendimento completo, mas apenas de cenas separadas.

***Sobre os elementos presentes no espetáculo: figurino, cenário, iluminação, maquiagem, gestualidade, expressão facial. Quantos destes elementos conseguiram observar:**

SurDOS

10 – afirmaram conseguir observar todos os elementos presentes.

***Sobre quais elementos são considerados mais importantes:**

5 afirmaram que todos os elementos são importantes – 2 homens 3 mulheres

1 afirmou ser iluminação, maquiagem, gestualidade e expressão facial - mulher

2 apenas gestualidade e expressão facial – 1 homem e 1 mulher

1 apenas gestualidade – mulher

1 apenas expressão facial – mulher

Mesmo com todos os elementos presentes, é necessário uma interpretação e atuação de forma clara e precisa.

***Sobre o sentimento à impossibilidade de não poder ouvir as palavras ditas durante a peça:**

5 reafirmaram apenas não entender. 3 mulheres 2 homens

3 afirmam que não compreenderam a oralidade, mas algumas expressões faciais foram compreendidas em alguns momentos. 2 mulheres 1 homem

1 afirma que não entendeu a maior parte da peça por causa da oralidade, apenas observava que as pessoas estavam rindo. Apenas compreendia quando era feito algum gesto.

1 afirma que notou que alguns gestos foram feitos para uma melhor compreensão do surdo o que amenizou o ‘sofrimento’.

A frustração da não compreensão total do espetáculo (entender tudo o que se ‘diz’) é visível, mas existiu um esforço da platéia surda para absorver o máximo do espetáculo.

***Sobre o que faltou no espetáculo para uma compreensão melhor:**

5 afirmaram que faltou apenas a utilização de Libras – 4 mulheres 1 homem

1 afirmou faltar apenas interprete de Libras – homem

1 afirmou faltar intérpretes de libras ou atores utilizando Libras

1 afirmou faltar gestualidade e expressão facial de forma a suprir a necessidade da platéia surda

1 afirmou faltar expressão facial e utilização de libras pelos atores - homem

1 afirmou faltar gestualidade, expressão corporal e facial, faixas e cartazes letreiros em português.

Sobre o que é necessário para que um espetáculo seja completo para um deficiente auditivo:

Surdos

5 afirmam ser necessário apenas o uso de Libras pelos atores

4 afirmam ser necessário o uso de intérprete de Libras em um lugar específico, com iluminação.

1 afirma ser necessário cartazes expondo as idéias principais, objetos que representem de forma real as encenações ao invés de usar mímica.

Ouvintes

3 afirmam que é preciso o Uso de libras ou Interprete de libras durante o espetáculo.

Independente da gestualidade perfeita, e expressão facial, expressão corporal, constata-se a necessidade do uso de libras pelos atores e de um interprete de libras para a compreensão do espetáculo proposto.

***Sobre como se sentiu após o término do espetáculo:**

6 afirmaram sentir-se felizes - 3 homens 3 mulheres

1 afirmou achar impressionante o espetáculo. - mulher

1 afirmou sentir ‘mais ou menos’. Não sabia descrever o sentimento. Um pouco de angustia por não compreender tudo e feliz por compreender partes da peça. – mulher.

1 afirmou achar muito engraçada a peça - Mulher

1 afirmou sentir-se muito alegre, pois rir faz bem à saúde. Mas ao final também ficou curiosa para saber as partes não compreendidas. - Mulher.

***Sobre a possibilidade de assistir novamente um espetáculo sem Libras:**

7 afirmam que não assistiriam novamente- 5 mulheres 2 homens

3 afirmam que sim - 2 mulheres 1 homem

A falta da língua específica faz com que haja algumas frustrações dos surdos em relação ao espetáculo.

Sobre a importância de um estudo como este ter sido feito na comunidade Surda:

7 afirmam ser importante para que se conheça um pouco mais sobre a cultura surda e sua língua própria, expressão facial, corporal, além da conscientização de que o teatro necessita conhecer Libras. – 5 mulheres e 2 homens.

1 afirma que este tipo de estudo ou pesquisa é importante para o Surdo porque o teatro pode ajudá-lo a compreender assuntos diversos sobre a vida. – homem

1 afirma que é importante para o surdo conhecer o teatro, a cultura e poder ter acesso a isso tudo. – Mulher.

1 afirma que o estudo é importante para que se busque meios de inserir o surdo no mundo das Artes. Fazendo com que o surdo possa entender e também participar destes tipos de atividades.

Após o espetáculo, havia uma alegria sentida e uma satisfação por pessoas estarem buscando compreender o mundo do surdo e inserindo-os na cultura ouvinte. Mesmo com a afirmação de que não voltariam a assistir outro espetáculo oralizado, a motivação foi renovada.

*Perguntas direcionadas apenas aos Surdos

Ainda sobre a Peça:

Ouvintes

Três (3) afirmaram que a peça sem Libras não têm uma compreensão completa para os surdos e que é necessário o uso dessa linguagem pelos atores, a presença de um intérprete de Libras ou até mesmo o acesso a um resumo da peça antes desta começar, para que os surdos tenham uma compreensão do assunto que está sendo abordado durante o espetáculo.

Sobre o gestual da peça ser entendido pelo Surdos

2 afirmam que sim, pois, apesar de não ter libras, às vezes os gestos eram expressivos e em outros momentos eles recorriam ao intérprete de libras ouvinte.

1 afirma ‘mais ou menos’, pois algumas partes foram entendidas outras não.

Sobre a importância do gestual em uma peça de teatro:

1 afirma que o gestual favorece a comunicação

1 afirma que a expressão é de fundamental importância para a comunicação seja entre ouvintes ou surdo.